

ALIENAÇÃO E HUMANIZAÇÃO NO TRABALHO CONTEMPORÂNEO

Ericlen Rodrigues

Profº. Orientador: Marcelo Francisco de Assis
Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

MARINGÁ
2016

RESUMO

O trabalho é uma atividade que esteve presente desde o início na sociedade, uma vez que ele é o meio pelo qual o ser humano modifica a natureza de modo a sanar seus desejos e necessidades e, conseqüentemente, viver melhor. Estruturado de diferentes formas de acordo com a época, a cultura e as necessidades de cada sociedade, sempre influenciou intensamente a percepção e as ações do ser humano. Este trabalho tem por objetivo explicar e analisar, mesmo que brevemente, as percepções que se tem sobre o trabalho, o qual pode ser visto sob a ótica que o compreende como um instrumento que fomenta a alienação do ser humano e, por outro lado, como um meio que promove a realização e a humanização deste.

Palavras-chave: Trabalho. Alienação. Humanização.

1 INTRODUÇÃO

As percepções a respeito do trabalho na atual sociedade apresentam-se bastante variadas. Para alguns o trabalho pode ser visto como uma atividade que se faz contra a vontade, incorporando, nesse caso, uma perspectiva negativa, de algo que é feito apenas pela necessidade de sobrevivência ou pela pressão social. Para outros, ao contrário, “o trabalho é considerado algo que enobrece e dignifica os seres humanos, essencial à vida. Além disso, há outros que encaram o trabalho com prazer e, até, como um lazer” (TOMELIN; SIEGEL, 2013, p. 119).

Para Cotrim, “podemos definir trabalho como toda atividade na qual o ser humano utiliza sua energia física e psíquica para satisfazer suas necessidades ou para atingir um determinado fim” (2001, p. 23).

Ao analisar a etimologia do termo, constata-se que a palavra trabalho remete a um sentido negativo. De acordo com Tomelin e Siegel (2013, p. 119), “etimologicamente, a palavra trabalho vem do latim “*tripalium*”, instrumento de três paus utilizado para prender os animais e que também servia para imobilizar os escravos e açoitá-los”.

Mas vale ressaltar que, mesmo que esse paradigma a respeito do trabalho ainda faz-se bastante presente na atual sociedade, é notável que muitas pessoas não trabalham orientadas unicamente pela necessidade, mas, além, são impulsionadas por fatores como: auto-realização, *status*, prazer, desenvolvimento pessoal ou para manter relações sociais.

Considerando as distintas percepções a respeito do tema, o presente estudo pretende abordar, ainda que de forma breve, o trabalho como instrumento de alienação ou como meio de humanização do ser humano.

2 BREVE HISTÓRICO DO TRABALHO HUMANO

No decorrer da história das diferentes sociedades diversas foram as percepções a respeito do trabalho. Cotrim (2001, p. 25) afirma que,

De acordo com antropólogos, a primeira divisão de trabalho teria se dado entre os sexos. Determinadas tarefas, como caçar, guerrear, garantir a proteção do grupo, eram reservadas aos homens, enquanto os trabalhos domésticos, os cuidados com os filhos etc. eram reservados às mulheres.

A organização da comunidade primitiva foi, historicamente, a primeira forma que a sociedade adotou logo após o homem segregar-se do mundo propriamente animal, quando, num longo processo evolutivo, adquiriu habilidades que o diferenciam dos demais seres vivos. Neste período o homem contava com instrumentos básicos e rudimentares, a exemplo do machado de pedra e da faca e da lança com ponta de pederneira, além de sua própria força física.

Posteriormente, o homem dominou a arte de fundir metais, melhorando a qualidade das ferramentas agrícolas, e inventou o arado rústico que, puxado por animais domesticados, como o cavalo e o boi, aumentou consideravelmente o rendimento das plantações. Este desenvolvimento das forças produtivas provocou importantes mudanças sociais. A atividade pastoril separou-se da agricultura e iniciou-se uma modesta indústria artesanal.

A necessidade e o desejo dos homens de facilitar o seu trabalho e de dispor de reservas com o objetivo de enfrentar as dificuldades naturais incentivaram o aperfeiçoamento dos seus instrumentos e a criação de rotinas de trabalho. No entanto, com a mudança do sistema primitivo, o homem, sem pensar nas consequências que ocasionaria no âmbito social, preparou condições para o que viria a ser a escravidão.

Dessa forma, no decorrer de boa parte da história, o trabalho foi visto como atividade desvalorizada, considerado pelos gregos antigos como a expressão da miséria humana.

Durante a Antiguidade o trabalho manual era considerado em diversas sociedades como uma atividade inferior, que em pouco se diferenciava da atividade animal, valorizando-se, ao invés disso, o trabalho intelectual. O pensamento do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.) retrata esse período:

A utilidade do escravo é semelhante à do animal. Ambos prestam serviços corporais para atender às necessidades da vida. A natureza faz o corpo do escravo e do homem livre de forma diferente. O escravo tem corpo forte, adaptado naturalmente ao trabalho servil. Já o homem livre tem corpo ereto, inadequado ao trabalho braçal, porém apto para a vida do cidadão. (COTRIM, 2001, p. 25)

Durante a Idade Média vigorou-se a concepção católica de trabalho, este sendo interpretado como castigo, sofrimento e penitência do homem. Nesse caso, apenas aos servos era destinado esse infortúnio, já que os nobres não deveriam trabalhar. Não obstante, essa concepção católica sobre o trabalho sofreu contestação significativa a partir da ascensão social da burguesia, na Europa ocidental, a partir do século XVI.

A revalorização do trabalho se deu, principalmente, com a difusão das ideias renascentistas e iluministas, juntamente com o surgimento do protestantismo, em que o lucro passou a ser visto como um sinal da benção de Deus. No Renascimento, o trabalho passou a ser considerado como um estímulo para o desenvolvimento dos seres humanos, bem como a expressão da sua personalidade, visto a percepção do sujeito como um criador da sua atividade. E no Iluminismo, o trabalho foi exaltado ao lado da técnica, quando o capitalismo se consolidou em detrimento do feudalismo, e surgiram as primeiras fábricas.

A partir disso o capitalismo se desenvolveu agressivamente e culminou na Revolução Industrial, que significou um prodigioso aumento da produção material e do rendimento do trabalho. Entretanto, este auge da riqueza social não significou, necessariamente, melhorias materiais para os trabalhadores. Ao contrário, a nova realidade mostrou uma acumulação de riquezas em um extremo e muita miséria no outro.

No regime capitalista surgiram duas novas e importantes classes, de acordo com a concepção marxista: os capitalistas e os proletariados. Os primeiros sendo os detentores dos meios de produção, e os segundos os que vendem sua força de trabalho. Estas duas classes são econômica e socialmente antagônicas e, desde o início, se enfrentam em lutas periódicas, nas

quais a classe proletária sai em desvantagem, uma vez que a classe capitalista, com seu poder econômico, têm se apoderado do poder político.

Segundo Tomelin e Siegel (2013), nos últimos anos o que se percebeu foi um domínio da tecnologia e da automação dos meios de produção sobre os setores agrícolas e industriais. Atualmente, verifica-se o desenvolvimento dos setores de serviços, que visa o cotidiano do homem moderno, baseado no consumo e na informação.

3 A ALIENAÇÃO NO ÂMBITO DO TRABALHO

A palavra alienação é oriunda do latim *alienare*, que significa “tornar algo alheio a alguém”, isto é, “tornar algo pertencente a outro”. Esse termo é compreendido de formas distintas, dependendo da perspectiva proporcionada por cada campo de estudo. Por exemplo, no Direito, alienação está associada à transferência da propriedade de um bem a outra pessoa; na Psicologia, alienação é o estado patológico do indivíduo que se tornou alheio a si próprio, sentindo-se como um estranho, sem contato com si mesmo ou com o meio social em que vive; e na Filosofia contemporânea, o termo deve muito de seu uso corrente ao alemão Karl Marx, para quem alienação é o processo pelo qual os atos de uma pessoa são governados por outros e se transformam em uma força estranha a quem a produziu (COTRIM, 2001).

Dessa forma, baseado nessa última conceituação do termo, pode-se compreender alienação, no que tange o trabalho, como a perda que o indivíduo sofre de suas potencialidades quando não possui o controle sobre as condições nas quais trabalha, bem como sobre o produto de seu trabalho.

A alienação afeta milhões de trabalhadores nas sociedades capitalistas modernas, onde a produção econômica transformou-se no objetivo do homem, em vez de o homem ser o objetivo da produção (FONTE DO SABER, *online*, 2012).

Em muitas sociedades atuais ainda pode ser observado situações em que as funções do operário são reduzidas ao mero cumprimento de ordens relativas à quantidade e à qualidade da produção, sem que o indivíduo possua qualquer comando sobre o resultado final do seu

trabalho, limitando-se a repetições das mesmas operações mecânicas, produzindo bens estranhos à si próprio, aos seus desejos e às suas necessidades.

Nesse sentido, o trabalho faz com o que o ser humano aliene-se do próprio gênero humano, fazendo com que perca contato com seu eu genuíno, com sua individualidade, caracterizando, desse modo, uma situação de extremo desconforto, desprazer e angústia.

4 A HUMANIZAÇÃO NO ÂMBITO DO TRABALHO

Considerar o trabalho apenas pela ótica em que se evidencia como um instrumento de alienação do ser humano é uma forma de percepção deveras limitada e injusta. Mesmo que essa situação seja concreta, sendo perceptível em todo o decorrer da história do trabalho até os dias atuais, impedindo o ser humano de atuar ativamente no processo produtivo, o trabalho pode ser visto de modo completamente distinto dessa concepção, ou seja, como um meio para alcançar a realização humana, proporcionando um sentido mais humano para as atividades desempenhadas pelo indivíduo.

Ao considerar essa possibilidade, Tomelin e Siegel (2013, p. 126) elucidam que,

O ser humano vive sempre em busca de sua realização. A realização humana é sempre um projeto em construção, nunca está concluído. É a busca incessante desta realização que leva o homem a transformar a natureza em busca de sua satisfação. Se pelo trabalho há uma transformação da natureza em bens para a sua satisfação, parece evidente sua relação com a realização humana.

Infere-se que a utilização intensa e eficaz das tecnologias é um meio de proporcionar a libertação do ser humano das atividades mais rústicas, as quais o afastam da essência privilegiada humana, de forma que se concentre em atividades mais dignas e condizentes com a sua condição de ser racional e pensante. A afirmação de Schaff (1993, p. 153 *apud* TOMELIN; SIEGEL, 2013, p. 113) ilustra bastante essa perspectiva, onde, segundo ele, a tecnologia nos “conduzirá a uma sociedade em que haverá um bem-estar sem precedentes para o conjunto da população, como também alcançará um nível sem precedentes do conhecimento humano do mundo”.

Essa concepção possui também, como é de se esperar, opiniões contrárias, no sentido em que afirmam alguns pensadores que o progresso tecnológico tem proporcionado conforto para a humanidade, no entanto, o homem tem se abnegado de alguns de seus valores como indivíduo integrante da sociedade. Exemplo de pensadores orientados por esta visão são Vergana e Branco, que afirmam que “convivemos com um elevado desenvolvimento tecnológico e um baixo desenvolvimento pessoal e interpessoal” (2001, p. 23).

Não obstante, independentemente se a tecnologia contribui, ou não, para o processo de humanização no trabalho, o certo é que a realização humana neste âmbito se dá no momento em que o trabalhador se percebe como agente criador no processo produtivo e reconhece o produto final como fruto de sua liberdade e criatividade, enxergando o reflexo do seu eu naquilo que produziu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual época é caracterizada por profundos e constantes questionamentos sobre o próprio homem. E nesse sentido, o trabalho - e sua influência direta nas ações e percepções do ser humano, como indivíduo e em sociedade - é tema intrigante e instigante para diversos pensadores. Questiona-se se o trabalho é um instrumento de alienação do ser humano, que promove a infelicidade e a injustiça na sociedade, ou se é um meio para a humanização, proporcionando a liberdade, a criatividade e o desenvolvimento do homem pensante.

É conclusivo que, desde o seu surgimento, e de forma mais intensificada hoje, vive-se um paralelo, em que ambas as perspectivas devem ser consideradas. É notável ainda, em diversas organizações, sistemas que minam a capacidade dos indivíduos, fazendo com que executem atividades mecânicas e repetitivas, sem ao menos que este tenha um conhecimento holístico do que está produzindo. Mas ao mesmo tempo, é notável, também, que existem organizações e situações que proporcionam condições para que o indivíduo perceba-se como o sujeito criador, identificando-se com o resultado final do processo produtivo e alcançando, dessa forma, um sentimento de realização e humanização.

REFERÊNCIAS

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos de Filosofia: história e grandes temas**. 15. Ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FONTE DO SABER. **Trabalho alienado**. Disponível em:
<<http://www.fontedosaber.com/filosofia/trabalho-alienado.html>>. Acesso em: 01 maio 2016.

TOMELIN, Janes Fidélis; SIEGEL, Norberto. **Filosofia geral e da educação**. 2. Ed. Indaial: Uniasselvi, 2013.

VERGARA, S. C.; BRANCO, P. D. Empresa humanizada: a organização necessária e possível. **Revista de administração de empresas**, São Paulo: FGV, v. 41, n. 2, p. 20-30, abr.-jun. 2001.